

Comunicação e globalização

A trajetória de Octavio Ianni na Universidade de São Paulo foi marcada por uma aposentadoria precoce em 1969, em razão do momento político em que o país vivia. Mas o Ato Institucional nº5 que o tirou da USP não impediu sua carreira de cientista social da realidade brasileira e de professor.

Hoje, Octavio Ianni é professor da Universidade de Campinas - UNICAMP, e professor convidado do Programa de Pós-Graduação da ECA-USP.

Sua longa bibliografia é também um indicador importante da contribuição que vem dando ao pensamento social que se constrói no país.

Apresentamos a seguir excertos de sua entrevista com jovens pós-graduandos e pesquisadores do Grupo de Estudos Sobre Práticas de Recepção Mediática da ECA-USP, quando abordou a temática mais ampla da comunicação social no contexto da globalização contemporânea.

Participaram da entrevista Mauro Wilton de Sousa; os jovens pesquisadores Andrea Simão, Priscila Delgado de Carvalho e Rafael Gioielli; e os pós-graduandos Rovilson R. Britto e Gilda M. A. A. dos Santos, da Faculdade Cásper Líbero, Luiz Signates (UFGO), Eliany Salvatierra, Germano A. Azambuja, Jurema B. Xavier, Richard Romancini e Wildney F. Contreras, da ECA-USP.

NO - Como o senhor analisa a comunicação em uma sociedade globalizada?

OI - É sempre bom reafirmar o que se pode compreender por globalização. A globalização não é simplesmente um processo econômico ou de nova divisão do trabalho no âmbito do mercado de produção. É um processo simultaneamente econômico, político, social e cultural. A globalização é também política, sociabilidade e cultura, o que envolve os problemas da comunicação. Porque podemos dizer que a globalização é um novo ciclo, um novo estágio, uma nova época? Porque há algumas especificidades, no que nós estamos chamando de globalização, que nos permite dizer que é uma outra idade, uma outra época.

E o que é este novo específico? Primeiro, o bloco soviético, aquilo que era uma região do mundo que estava organizada com outro tipo de economia e outra proposta social, desabou. E, portanto, este bloco se transformou em uma vasta fronteira de expansão do capitalismo, e, todos sabemos que o capitalismo é um processo histórico de grande envergadura que vive de fronteiras. Que abre fronteiras e quando não há fronteiras para abrir, inventa novas. Inventa no sentido em que derruba avenidas, viadutos, edifícios e recria tudo isto de outra maneira, com outro desenho. Quando o Mundo Socialista, aquela região que é razoavelmente grande, se transformou em uma nova fronteira de expansão houve algo de excepcional-

mente importante que foi a transformação desta região em uma vasta fronteira que vai de Praga a Pequim.

A despeito da vigência do regime comunista na China, ela foi obrigada abrir-se para o mercado mundial, para transações econômicas que tem a ver com a progressiva transformação da China em um novo espaço que faz parte do mercado mundial, e isto é uma ruptura.

Um segundo acontecimento é que as corporações transnacionais se transformaram nos principais atores do mundo contemporâneo. São elas que pensam o mundo e que têm equipes de jornalistas, sociólogos, psicólogos, antropólogos, economistas, demógrafos, especialistas em eletrônica, que estudam os mercados, avaliam os potenciais, negociam com ou agredem outras corporações e repartem o mundo a seu modo.

Podemos dizer que os Estados Nacionais continuam atores importantes? É claro que continuam, mas já não são tão importantes. Há casos evidentes. Eles perderam uma grande parte da força que tinham e passaram a ter outras conotações. E aí temos o terceiro ponto, há um evidente declínio do Estado Nação, do princípio da soberania.

Um quarto elemento decisivo na dinâmica da globalização é as tecnologias eletrônicas, o uso da micro-eletrônica e da automação nas atividades de trabalho e produção, que acelera, acentua e toma mais veloz o processo de expansão da produção e alargamento dos mercados.

Simultaneamente, quinto ponto, corporações da mídia. E saia de baixo! Eu digo isso bem provocativamente: Saia de baixo! Eu não sei que jornal eu estou lendo, porque eu olho a notícia do Oriente Médio, ou da África, da Índia ou do Rio de Janeiro e o jornal não me diz qual é a agência que está me informando. Literalmente não me dá satisfação. Eu digo isto com certa tranquilidade porque sou de uma geração em que a notícia vinha assim: Associated Press, Ásia Press, France

Press etc. Toda notícia que vinha de diferentes países vinha obrigatoriamente com a fonte.

Hoje o que temos são corporações que atuam no âmbito da mídia e que têm contratos com as rádios, televisões e jornais etc., e estes meios nem sequer informam. Só que a informação que eu estou lendo aqui sobre o Sadan Russein é a mesma informação que o Chinês está recebendo, e isto é muito grave! É no mínimo calamitoso. Será que a informação que estou recebendo é a precisa? É a melhor? Ou a boa? Não há informações alternativas sobre o Sadan Russein? Então, vejam que as corporações da mídia fazem parte deste fantástico processo de globalização, não só dos meios de comunicação, mas do mundo cultural, do mundo das informações. Aquilo que se registra, aquilo que se arquiva, se enfatiza, se esquece, ou aquilo que não se toca, tudo isso é fruto das corporações da mídia. Então nós temos um paradoxo: nunca o espaço público foi tão fantástico e nunca foi tão administrado em escala mundial. Todos nós vimos as olimpíadas de Sidney do mesmo modo e vemos uma série de eventos que ocorrem em diferentes partes do mundo do mesmo modo, porque há umas poucas corporações que monopolizam, e fazem com que o mundo tenha uma mesma visão desses acontecimentos. Veja que paradoxo maluco: o espaço público cresceu excepcionalmente devido aos êxitos da mídia em geral, não é à toa que a mídia é uma técnica fundamental na definição do que é espaço público, só que esse mesmo espaço público está totalmente ou em grande parte articulado pelas corporações que atuam na área.

Só um esclarecimento, é claro que quando a gente fala em globalização devemos lembrar que a história do mundo moderno é uma história mundial, global. Desde os descobrimentos o que há é um intenso processo de globalização. Uma coisa é o mercantilismo,

outra coisa é o colonialismo, outra o imperialismo em termos de processos globais, e outra coisa é o globalismo. Que há ressonâncias colonialistas e imperialistas no globalismo nem se discute. Só que dizer que o globalismo é simplesmente uma versão do imperialismo, do colonialismo é simplificar demais e pensar que está tudo explicado. Na verdade não está tudo explicado, porque hoje o bloco soviético, portanto um projeto social da maior importância na história da humanidade foi derrotado, simultaneamente as corporações se transformam em poderosos atores, e há esta fantástica expansão das tecnologias eletrônicas que vai tanto para a informática, mídia em geral como para a produção de trabalho.

NO - Há uma questão fundamental nesta discussão sobre a globalização: a democracia. A temática da democracia é pensada pela modernidade sempre vinculada ao Estado e separada do mundo privado. O fato de, como o senhor afirma, o mundo estar dominado hoje por corporações privadas parece realizar a definição de Boaventura de Souza Santos, de que vivemos democracias que são arquipélagos de ditaduras. Como pensar a democracia nesse quadro?

OI - A democracia, o conceito de democracia, o ideal democrático é uma proposta que vem crescendo muito lentamente no curso dos séculos. A História do conceito e das conquistas democráticas é uma história errática e junto com este conceito vem o de cidadania. O direito das mulheres e dos trabalhadores de votarem é uma coisa muito recente, em alguns casos é do século XIX, em outros é do século XX. A rigor a democracia é um processo político notável, inegável como parte da história, mas um processo que teve um percurso difícil e com vários retrocessos. Democracia bem ou mal significa democracia política e social. Abre-se o direito de votar e ser votado para mulheres, negros, índios,

nativos em diferentes lugares, independentemente das propriedades, no entanto a participação social das pessoas também é uma luta penosa, que vem sendo realizada precariamente. Democracia e cidadania têm vários retrocessos, e, tudo isso ocorreu no âmbito da Nação. Há nações como o próprio Brasil, onde o exercício da democracia foi limitadíssimo durante a república.

O que nós pensamos que pode ser democracia e cidadania é algo que tem uma história muito precária, muito errática. E repito, tudo isso se discutia em nível nacional porque havia o suposto de que o Estado Nacional era soberano e de que em sendo soberano os vários grupos sociais, os vários setores e lutas sociais poderiam propiciar uma progressiva emancipação dos diferentes setores, o que é uma história também muito real.

Quando há esse processo de globalização muda tudo. A luta pela democracia ganhou outros significados e se defronta com outros óbices, outros obstáculos. Por quê? Porque o Estado Nacional em grande parte dos países, não tem mais capacidade de definir um projeto nacional. Então, qual é a democracia? Ela está posta em causa. A Argentina, Brasil, México e muitos outros no mundo têm uma capacidade limitadíssima ou nula de definir objetivos nacionais, sendo assim, a democracia está posta em causa. O Estado Nacional está sendo obrigado a adotar as medidas econômico-financeiras, educacionais, previdenciárias, de saúde que são impostas pelas corporações transnacionais. Eu tenho livros editados pela Editora Civilização Brasileira, mas eu não sei mais se são da Civilização Brasileira, porque ela foi comprada pela Bertrand, e as Editoras Civilização, Difel e Bertrand foram compradas pela Editora Record, o que sei é que meus livros muito provavelmente estão sendo impressos na Coreia ou Taiwan.

A política educacional que está sendo reformada no Brasil por este governo,



inclusive conduzida por ex-acadêmicos como Paulo Renato, Fernando Henrique, Weford e outros é uma política literalmente ditada pelo Banco Mundial. Então eu acho que as perspectivas de construção da democracia mudaram drasticamente. Nós nos beneficiamos um pouco deste quadro, porque estamos na classe média e podemos nos defender, mas na verdade há setores da sociedade que estão perdendo direitos.

A luta pela democracia, agora se transformou em uma luta mundial e a minha proposta que é bem utópica - mas que eu acho que vale a pena ser bem utópico - tem a ver com uma aliança crescente dos setores subalternos em vários países, lutando duramente para conquistar direitos e preservar os poucos direitos que ainda tem. Se não for assim não dá.

NO - O Senhor diz que a globalização é também um processo político. Diante deste quadro como se poderia resgatar perspectivas teóricas, tipo teoria crítica na linha frankfurtiana, que são justamente as teorias que fizeram a crítica ao papel da mídia na sociedade.

OI - De fato, a mídia, tomando-a num sentido lato, ela implica em expandir de uma forma excepcional o que seria o espaço público, o mundo das comunicações e do intercâmbio de informações e idéias, e, portanto, possibilidades insuspeitadas de diálogo em escala mundial. Só que a mídia está organizada em termos de corporações que funcionam acopladas com as corporações de publicidade e da produção de mercadorias, então, este potencial de democracia e espaço público que vem junto com a expansão das tecnologias eletrônicas envolvendo inclusive informática e mídia, ainda não está se traduzindo em novas aberturas e perspectivas. Eu vejo que o debate consiste em como abrir e quebrar os monopólios, como fazer com que a mídia seja democrática. Não só no sentido de existir várias corporações, ou abrir as

corporações, mas democrática no sentido de expressar o que está realmente acontecendo na realidade, o que realmente está acontecendo na Argentina, na África do Sul, ou no Oriente Médio.

Vivemos em um mundo que é simultaneamente a realização da Aldeia Global de que falava McLuhan mas ao mesmo tempo é a indústria cultural como nunca, é um absurdo, um paradoxo, mas essa é a realidade. Os meios de comunicação se aceleraram e se multiplicaram em uma escala excepcional de tal modo que as mentes e os corações de cada um de nós são feitos pela mídia - como dizia McLuhan - só que isto está sendo monopolizado.

Porque indústria cultural, na minha acepção? Não é só porque as corporações da mídia selecionam, esquecem, interpretam e passam para o grande público a notícia já pasteurizada, para dizer diplomaticamente, mas porque fabricar notícias, fabricar bens culturais é um grande negócio, é a indústria propriamente dita no sentido literal. Então quem é o ator ou a atriz de novela? São assalariados que produzem lucro. Na linguagem de Marx são trabalhadores produtivos porque o seu salário é capital variável com o qual a corporação paga o seu trabalho e do qual retira lucros. Então se for necessário colocar uma criancinha assistindo uma briga de família monumental porque isso aumenta audiência e, portanto aumenta a publicidade e os lucros, qual é o mal? Eu penso que o que vivemos é um paradoxo, pois na verdade vivemos o mundo frankfurtiano de uma maneira evidente e o mundo de McLuhan. Só que não se trata de duas interpretações que se excluem, não, este mundo é uma aldeia global inegavelmente porque eu vi a Guerra do Golfo, você viu a Guerra do Golfo, e os paraguaios, os australianos, e os chineses, do mesmo modo, simultaneamente é indústria cultural porque é uma área excepcionalmente lucrativa de aplicação de capital, porque

aplicar dinheiro na área da mídia é fabricar mercadorias, que é uma maneira de produzir lucros e sacar excedentes daqueles que trabalham: jornalistas, atores, locutores, câmeras, etc. envolvendo inclusive diferentes outras categorias profissionais que fazem parte do que é o trabalhador coletivo na corporação.

NO - Com relação ainda à discussão no campo da comunicação, como o senhor vê os Estudos Culturais Ingleses, privilegiando a hegemonia cultural? Como o senhor vê os estudiosos britânicos em relação a comunicação e a cultura?

OI - Eu tenho uma visão ainda muito provisória sobre esse tema. Visto historicamente, os Estudos Culturais, revelam o seguinte: que alguns pesquisadores em diferentes países e diferentes áreas começaram a se debruçar cada vez mais sobre aspectos culturais, sendo que este aspecto cultural frequentemente é de setores sociais subalternos: o negro conforme o país, o índio, a mulher, o operário, o camponês e assim por diante. Podemos dizer que foi nesse nível uma reação inclusive de pesquisadores de filiação marxista, foi uma reação a uma visão excessivamente político-econômica da dinâmica da sociedade.

Nesse sentido é altamente positivo, isto é, alguns teóricos sinalizaram dizendo: - olhe nós estamos esquecendo como é que pensa o povo, como pensam as categorias subalternas. Como é que o negro e o índio, no Brasil se posicionam? Como é que as mulheres em diferentes países se posicionam em face de certos problemas? Como eles e elas retêm as tradições, quais são as suas expressões verbais e seu imaginário? Isto é fantástico, lindíssimo!

Mas enfim, sintetizando, há uma raiz que eu considero extremamente importante que é a seguinte: conferir aos estudos sociais mais concretividade abrindo reflexões e pesquisas sobre as dimensões não só culturais, mas psico-

culturais da realidade dos diferentes setores sociais, e neste sentido, enriquecer a visão da sociedade como um todo e ao mesmo tempo fazer a crítica do que seria a visão estritamente política ou economicista de alguns setores das ciências sócias. Agora a partir de um certo momento quando estes estudos começam a se tomar como totalmente autônomos, descolados da dinâmica da sociedade eles correm o risco de dar uma visão muito abstrata dos problemas. Na minha visão que não é a visão liberal, para emancipar a mulher é preciso emancipar o homem, para emancipar o negro é preciso emancipar o branco, só que isto é muito radical, muito incômodo, pois isto significa mudar a sociedade.

NO - Como o Senhor vê na perspectiva da teoria de Habermas, o abismo entre sistema e mundo da vida? Como o senhor vê a teoria da sociedade em Habermas em face de todo este caminhar da sociologia?

OI — Posso falar uma barbaridade? Eu acho que a teoria de Habermas é uma expressão muito evidente, forte e criativa do que seria o milagre europeu, a expansão da social democracia européia que ocorreu entre os anos 60 e 80 de uma maneira muito forte. Agora, dá para dizer que a proposta de Habermas da Teoria da Ação Comunicativa, é uma proposta que envolve um grau de desenvolvimento social e possibilidades de códigos de comunicação já numa dimensão social-democrata.

É como se a Teoria da Ação Comunicativa fosse uma teorização sobre o que é o potencial de democracia em uma social-democracia, e de como há realmente uma possibilidade de que as pessoas caminhem para um consenso razoavelmente criativo a propósito do interesse comum, do interesse individual, etc.

Agora o próprio Habermas, parece-me que ele diz algo sobre isso, mas é fácil a gente dizer, mesmo que ele não tenha

dito, como a Teoria da Ação Comunicativa pode funcionar no Brasil? No Paraguai? No Egito? Congo Belga? Como é que em países em que as conquistas democráticas não se realizaram ou se realizaram de uma maneira muito epidérmica, em setores restritos, como é que pode a Teoria da Ação Comunicativa se tomar vigente? Ser uma proposta cabível? É difícil. E ele seguramente dizia que é necessário todo um conjunto de realizações preliminares sem o que ela não se coloca. Eu faço aqui um paralelo com o livro de Adam Schaff sobre a sociedade da informática, ele foi convidado pelo Clube de Roma para escrever sobre a informática, e escreveu um livro que é muito bom que está publicado em português, onde ele mostra o potencial de democracia, de comunicação, de agilização devido aos meios eletrônicos. Só que ele mesmo diz: No Terceiro Mundo eu não sei como pode ser. Ele é explícito. A cultura política vigente no Terceiro Mundo é a cultura do caciquismo, da oligarquia, do espaço privado transformado em espaço público. Como é que você faz para colocar o problema da sociedade da informática ou da Teoria da Ação Comunicativa neste espaço? É complicado. Ai há um problema interessante, pois esta Teoria corresponde a uma historicidade, a uma “maturidade da vida social” que foi alcançada na Europa e em termos, não no iludamos, pois a Europa não é o que se diz. Em todo caso a Europa alcançou um certo nível de social-democracia que, aliás, está sendo desbaratado agora, e onde a Teoria da Ação Comunicativa se tornava algo viável. Agora o próprio Habermas reconhece que esse mundo ele não enfrenta muito abertamente, porque o diálogo dele é com o Lhuman, então é um problema de controvérsia teórica. Na verdade, o mundo nunca foi tão sistêmico como é agora. Veja que paradoxo, em um ambiente em que você e eu, nós todos queremos saber da democracia, da cidadania, da Ação

Comunicativa que é o nosso ideal em diferentes gradações, nós estamos totalmente inseridos em sistemas.

É interessante, para sintetizar, a proposta de Habermas é no fundo uma proposta altamente positiva, pois tem compromisso com democracia, cidadania e emancipação, só que ela é uma reiteração de um ideal antigo de diferentes gerações que se formula agora de uma maneira sofisticada, inclusive em alemão e com tempero frankfurtiano, só que em um mundo eminentemente sistêmico, quer dizer a viabilidade da proposta de Habermas é muito reduzida. Ela se defronta com obstáculos poderosos.

NO - Como entender a recepção neste contexto e sobretudo com as perspectivas dos novos mídias?

OI - Eu vivo preocupado com este problema. Os meios de comunicação têm um potencial excepcional para a multiplicação do diálogo, das perspectivas, dos horizontes e claro, das informações. Não há dúvidas de que a China não está mais lá longe, não há dúvidas de que o Japão já não está mais no Oriente. Já não há mais barreiras, ou distâncias, ou emblemas e signos que distinguiam de uma maneira excessivamente marcante sejam épocas, lugares ou países etc. A mídia tem um potencial incrível, mas o problema é o seguinte: como a mídia se tomou crescentemente e continua se expandindo em um universo de comunicação, de informação, análise e entretenimento, então aí se cria um problema sério. Macluhan tinha razão as mentes e os corações das pessoas estão sendo feitos pela mídia.

Isto não é monolítico, mas é muito forte. Quando houve a Guerra do Golfo, a mídia orquestrada pelo governo americano conseguiu convencer a opinião pública americana de que o Sadan Russein era um novo Hitler, e o Bush teve 80 ou 90% de apoio para realizar a guerra. Então há um problema sério aí, a mídia é um poderoso meio de comunicação, é uma

poderosa técnica de informação e entretenimento e, portanto influencia em diferentes gradações, conforme a situação social das pessoas influencia as suas opiniões, e, nesse sentido há audiências, espectadores que são influenciados, não exclusivamente, pelos meios de comunicação. E aí outra vez se coloca o problema: como democratizar a mídia? Só que eu repito, democratizar não no sentido de ter mais empresas, mais corporações, isto pode ser importante para que haja mais competição, disputas... Mas democratizar na minha acepção é o seguinte: como informar mais. Como conseguir com que a audiência, os leitores, os espectadores consigam saber melhor o que está realmente acontecendo. Agora nós sentimos na universidade, na escola, os professores têm o problema de se comunicarem com os alunos em um universo em que os alunos já estão impregnados da dramaturgia da televisão. Conversando com um diretor de cinema, ele me dizia: - o nosso problema no cinema e teatro é como lidar com um público que está fortemente influenciado pela dramaturgia da televisão. Eu penso que os professores também sentem isso. Há algo muito sério acontecendo aí, vamos dizer um padrão de cultura, de sociabilidade, de comunicação e essa diabólica mistura... Não só diabólica, mais grave que diabólica, essa mistura de informação com entretenimento, isso é fatal. As classes dominantes não precisam mais fazer guerra, elas têm o controle do que está acontecendo no mundo misturando todo o tempo o entretenimento com informação. Uma escassa informação e bastante entretenimento, e isto é grave porque implicam em deformar profundamente aquilo que é o fato, o acontecido, os elementos que são indispensáveis para que elas possam se situar no mundo.

NO - Nesse panorama o senhor vê e poderia citar alguns espaços de resistências ou de pensamentos autônomos?

OI - Os monopólios, as técnicas sociais não conseguem eliminar uma coisa que é essencial, que é fundamental, que é o seguinte: cada um por mais indefeso que seja, o ouvinte, o espectador, a audiência, cada um está ligado na vida, no trabalho, no dia-a-dia em diferentes atividades, e no limite desse compromisso com a vida, com o trabalho, com a sociabilidade, enfim, esta expressão inegável da práxis humana que é física, espiritual e cultural funciona sempre como um complemento dos meios de informação, como um elemento corretor, de verificação.

Tanto que há uma pesquisa que eu imagino que deve ser interessante de ser feita ou então já foi feita, eu penso que há uma parte da audiência da novela que a vê como uma caricatura, inclusive a vê como uma caricatura das classes dominantes, sem distinguir necessariamente que é a classe média que está ali naquela novela, mas vê como uma caricatura. As condições de vida das pessoas em certos setores são tão adversas, ou tão diferentes que o espectador vê aquilo como uma caricatura ou como uma fanfarrinha que assinala outra vez para eles que de fato eles são outro mundo. Eu acho que é cabível dizer isso. De fato eles são um outro mundo... “Isso é coisa de branco”...

Aquele é o mundo dos brancos, só tem brancos, gente perfumada, que não trabalha, que se dedica a descobrir seus sentimentos como se isso fosse o começo e o fim do mundo. É de uma frivolidade! Uma banalidade! Uma inutilidade! Colocando-me na ótica desse público, é impressionante! E os artifícios de dramaturgia, quer dizer trabalhar o close, o ator está dizendo a maior insanidade, uma baboseira total e o close como se fosse uma coisa da maior importância. É um grande público percebe? Eu digo um grande público das classes subalternas, porque a classe média entra *na onda* muito rápido, há um problema de pesquisar, de conhecer como as pessoas se sentem...

Eu quando digo que a mídia em geral pode ser democratizada no sentido de expressar melhor e mais amplamente diferentes fatos e setores sociais, isso todo mundo reconhece que é cabível. Vocês notam que se abre um jornal ou se ouve um jornal na televisão e não se sabe o que está acontecendo na América Latina, muito menos na África. E o que está acontecendo na África pode ser decisivo, primeiro para a inteligência do mundo e segundo eventualmente para pensar um problema como o brasileiro. Se for verdade que há globalização, se é verdade que estão se desenvolvendo novas estruturas sociais em escala global e, portanto se há uma globalização de cima para baixo, globalização esta que é grandemente orquestrada pelas corporações transnacionais que conseguem inclusive tomar subalternos governos nacionais, então os setores subalternos, ainda que com dificuldades estão começando a reagir. A globalização na minha visão bastante otimista e utópica é o novo palco da história, agora as lutas serão cinematográficas, espetaculares! São reações

locais a um quadro que é transnacional. Seguramente haverá organizações cada vez mais fortes dos setores subalternos para lutar contra este quadro, mesmo porque este quadro é altamente aflitivo, é desesperador. Notícias mais recentes dizem que no mundo de hoje, isto é relatório do Banco Mundial, há 2,8 bilhões que ganham até dois dólares por dia e destes há 1,2 bilhões ganham apenas um dólar por dia. Isso significa que haverá lutas sociais espetaculares a despeito das técnicas de controle. A despeito disto que alguém mencionou do Boaventura de Souza Santos, há estruturas de direita poderosas disfarçadas com uma outra linguagem e organizadas em escala mundial. Quer dizer, estas lutas sociais, essas reações e o fato de que as pessoas e os grupos têm sempre uma certa capacidade de reação, nos coloca que a luta pela cidadania vai continuar, a luta pela democracia vai continuar e eventualmente nós vamos viver uma época em que pode se falar de fato em humanidade, mas humanidade com “H” maiúsculo.

Algumas obras do entrevistado

- As metamorfoses do Escravo: apogeu e crise da escravatura no Brasil meridional. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1962.
- O colapso do populismo no Brasil. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1968.
- Estado e planejamento econômico no Brasil. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1971.
- Teorias de estratificação social: leituras de sociologia. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1972.
- Imperialismo na América Latina. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1974.
- A ditadura do grande capital. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 1981.
- Revolução e cultura. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1983.
- O ciclo da revolução burguesa. Vozes, Petrópolis, 1984.
- Ensaios de Sociologia da Cultura. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1991.
- A sociedade global. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1992.
- Teorias da globalização. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.
- A era do globalismo. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1996.